

“SOU PAU PRA TODA OBRA!”: VIDA E TRABALHO DE MARIA SOUZA

“I’M A JACK OF ALL TRADES!”: LIFE AND WORK OF MARIA SOUZA



Naia Maria Guerreiro Dias¹

Resumo

Este artigo reflete o protagonismo feminino no Baixo Amazonas pela perspectiva de gênero a partir da história e memória de vida de Maria Souza uma mulher moradora da região da Valéria, cujos saberes tradicionais, trajetória de vida e trabalho constituem-se em uma possibilidade de ouvir as vozes da Valéria, vozes que vem das cabeceiras, das matas, dos rios, do lago, do igarapé, da memória ancestral, a voz materna da Grande Mãe, da mãe natureza. Maria Souza, é uma mulher agricultora, pescadora, parteira, bezendeira, curandeira, dona de festa de santo, parceira, mãe, esposa e como ela mesma diz “*sou é pau pra toda obra*”. Essa expressão mostra a potência dessa mulher amazônida. Sua trajetória de vida, lutas, resistência e trabalho na região da Valéria são retratados neste estudo pela perspectiva da História Oral e História das Relações de Gênero, com o objetivo de visibilizar as complexas práticas sociais das mulheres de comunidades tradicionais do Baixo Amazonas, no tempo contemporâneo.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; História das Mulheres; relações de gênero.

Abstract

This article reflects on the female role in the Lower Amazon from the perspective of gender based on the history and life memory of Maria Souza, a woman living in the region of Valéria, whose traditional knowledge, life trajectory and work constitute a possibility of listening to the voices of Valéria, voices that come from the headwaters, the forests, the rivers, the lake, the stream, the ancestral memory, the maternal voice of the Great Mother, of mother nature. Maria Souza is a woman farmer, fisherwoman, midwife, bezendeira, healer, owner of a saint's feast, parceira, mother, wife and as she

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA/UFAM (2020). É Pesquisadora do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder da Universidade Federal do Amazonas-UFAM/CNPq. Atua como professora de História na rede Estadual de Ensino do Estado do Amazonas e na rede Municipal de Ensino do município de Parintins. É professora externa da Universidade do Estado do Amazonas, vínculo SEDUC/UEA no curso de História Mediado por Tecnologia e Modular. E-mail: naia_dias@hotmail.com.



says “I’m a dick for every job”. This expression shows the potency of this Amazonian woman. Her life trajectory, struggles, resistance, and work in the region of Valéria are portrayed in this study from the perspective of oral history and history of gender relations, with the aim of making visible the complex social practices of women from traditional communities of the Lower Amazon, in the time contemporary.

Keywords: Traditional knowledge; Women's History; gender relations.

Introdução

Na Serra de Parintins, Região da Valéria (AM), as mulheres têm um protagonismo ético-político relevante, participam de maneira ativa das diversas ações realizadas em suas comunidades, são lideranças de diversos movimentos, entidades e grupos. Lutam cotidianamente pelo exercício da cidadania, ou seja, constroem uma cidadania ativa, protagônica. Uma dessas mulheres é Maria Souza de Brito, uma mulher transgressora, forte, trabalhadora, alegre e comunicativa, uma Valéria.

É preciso reposicionar as mulheres no processo de formação do pensamento social na Amazônia, enfatizando suas práticas sociais, tensões e contradições que se estabelecem em suas vidas nas diferentes épocas, tempos e sociedades. Trata-se de estudos que possam ser reconhecidos pela ciência a partir da concepção da História Social, inserindo na cena científica os sujeitos sociais invisibilizados como as mulheres, negros, prostitutas, artesãs, e muitos outros que figuram como “marginais” e de pouca importância nas análises científicas.

Discutir e apresentar o protagonismo feminino no Baixo Amazonas, no tempo contemporâneo, exigiu adentrarmos um universo marcado pelas relações de poder, interferindo nos domínios do patriarcado que se instala na área rural de forma ostensiva. Adentramos o universo mítico, imaginário e transcendental, que tecem as sociabilidades de vida na Amazônia. Entrelaçamos nossas linhas a outras linhas², alinhavando os nós que se intensificaram ao longo dos quatro anos de doutoramento resultando na constituição da malha da tese em processo de devir-mulher.

² INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

Vida e trabalho de Maria

Maria é filha de Laura Ferreira de Souza e Manoel Lucas de Souza, nasceu no dia 04 de março de 1944, na Comunidade São José do Itaboraí de Baixo, uma área de várzea localizada às margens do rio Amazonas, em frente à Serra de Parintins. No mesmo ano de seu nascimento, seus pais e toda sua família deixaram as terras de várzeas e foram morar em terras firmes, na Valéria, com o intuito de recomeçar a vida e o trabalho, pois a enchente do rio Amazonas nesse ano afetou de maneira intensa suas plantações, criações e conseqüentemente suas vidas. Apesar de terem construído marombas³, muitos animais morreram ou por afogamento ou fome, faltava alimentação tanto para os animais quanto para sua família, por isso seus pais decidiram fazer a travessia para o outro lado, para as terras firmes da Serra de Parintins.

De acordo com a memória de Maria, que hoje tem 76 anos de idade, a “Valéria” os recebeu de braços abertos. Seus pais construíram uma moradia forrada e coberta com palha e de chão batido, fizeram o roçado para as plantações agrícolas e paulatinamente voltaram a criar animais de pequeno porte no terreno de seus avós paternos, retomando o curso da vida na área rural, e, pelo fato de morar na Valéria desde os quatro meses de vida até o momento, Maria se reconhece como filha da Valéria. Vejamos o seu relato:

Não nasci aqui na Valéria, mas me sinto como se meu umbigo fosse enterrado aqui. Desde criança brinco, vivo e trabalho na Valéria. Cresci, casei, fiquei viúva, casei de novo, trabalhei e ainda trabalho na lida da roça, da pesca e ganhei ainda de Deus Nosso Senhor e Nossa Senhora, o dom de ser parteira, benzedeira e curadora ou curandeira como me chamam aqui. Eu aprendi tudo com minha mãezinha. Ela me mostrou os caminhos da vida e do trabalho. Meu pai tratava mais dos meninos, na pescaria, mas eu aprendi a pescar também. Minha mãe me ensinou que a vida não era fácil, mas a gente podia fazer ela ser melhor e assim eu vivo⁴.

Maria apresenta nesse fragmento sua relação filial com a Valéria, fala simbolicamente do enterro de seu cordão umbilical nas terras da Valéria, não como uma ruptura, mas como um emaranhado, um entrelaçamento de nós entre ela e a Valéria. Sente que está ligada ao ventre da mãe terra, da mãe da água, da mãe da mata, pois as terras, o lago e as florestas são a Valéria. Isso é

³ Maromba é uma construção alternativa e com assoalho alto feita de madeira para abrigar tantos os animais como os moradores de comunidade rurais da área de várzea no período da enchente.

⁴ Entrevista de campo de Maria Souza, 2018.

uma compreensão mítica e simbólica da tecedura de sua relação com a natureza e com a localidade em que reside.

Expõe os acontecimentos de sua infância e vida adulta na região, em que a figura materna é sua referência para enfrentar as adversidades do cotidiano e para seu aprendizado em relação às diversas práticas sociais que desenvolve como o trabalho da roça, de ser parteira, bezendeira e curandeira. Ao contar sua história de vida, Maria reforça a premissa de que nossa história é construída na interação social, “por mais particulares que sejam, nossas histórias de vida são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte”⁵. Maria tem relação de pertença com a Valéria, ao reconhecer-se como filha da Valéria, aprendeu a conhecer, escutar e sobretudo respeitá-la desde a infância.

Maria articula a memória individual às experiências que foram vividas coletivamente nos espaços sociais ou nos espaços familiares sobre fatos de sua infância na Valéria. A roça, o lago da Valéria, o barracão de farinha, a própria região da Valéria, são apresentados como lugares de memória, nos quais ela vivenciou sua infância marcada por atividades que associavam o lazer ao trabalho. Enfatiza o modo, o local e as pessoas com quem e onde brincavam, vai reconstruindo o tempo vivido nas descrições de suas brincadeiras de infância, representado por várias imagens já existentes que vão iluminando o momento atual e o futuro.

Na compreensão de Bosi “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”⁶. Maria faz isso, ao rememorar sua vida na infância, tendo hoje 76 anos de idade. Seu olhar, seus gestos, falavam mais que suas narrativas. Ela descreveu suas experiências vivenciadas na infância com imagens dos locais e dos mitos que tradicionalmente permeiam o cipoal da memória e imaginário local.

Para Benjamin, a memória é exercitada através de fragmentos descontínuos das experiências vividas, sendo possível o entendimento de que o passado se encontra com o presente⁷. Isso pode ser identificado no relato de

⁵ ALVES, Cecília Pescatore. **Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade**. Boa Vista: Textos e debates, 2017. p. 37.

⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 55.

⁷ BENJAMIN, Walter. *Infância Berliense: 1900*. In: **Imagens e Pensamentos**. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.



Maria, na passagem que fala sobre respeitar o descanso dos moradores do fundo do rio, das águas profundas, respeitar a natureza. Há uma norma comportamental perpassando por esse recorte de sua memória que orienta o modo de vida local.

Os moradores de comunidades tradicionais aprendem desde crianças a respeitar as leis da natureza ou a natureza os punirá. Seguindo essa regra, Maria aprendeu a respeitar os seres da floresta, da terra e das águas. Há no imaginário dos moradores da Valéria uma forte crença em relação aos encantados que habitam o fundo do lago, são aquelas pessoas que foram encantadas pelos seres que habitam as profundezas dos rios e lagos da região.

[...] imaginar não é desligar-se da realidade, mas sim, fazer com que um acontecimento, uma pessoa, ou um ser encantado nos desperte imagens, trazendo-nos descobertas que não são racionais, pelo contrário, elas são mais vividas do que percebidas⁸.

Esse imaginário acerca dos encantados é entendido também como um regulador dos comportamentos locais, uma maneira de educar, já que eram raras as presenças de escolas formais nas comunidades rurais, daí que os moradores criam suas normas de convivência familiar, coletiva e de respeito à natureza. A educação de Maria, por exemplo, ocorreu por meio da oralidade e costumes locais, ela não teve a oportunidade de estudar em escola formal, pois naquele contexto não havia escola na Valéria, mas sua mãe lhe ensinou a escrever seu nome. Sobre esse aspecto de sua vida, ela conta o seguinte,

Eu nunca estudei na Escola, mas eu sei ler e escrever um pouquinho. Aprendi fazer o meu nome como eu podia, na terra assim com o carvão. Eu gostava de desenhar no chão e mamãe foi me ensinando a fazer meu nome na terra. O meu lápis era o carvão. O caderno o chão, não tinha escola pra gente daquele tempo. Os que estudaram foram pra Parintins, Manaus ou pro Pará, mas como meus pais não tinham as condições financeiras fiquei na Valéria. Então fui aprender as coisas do trabalho da roça, ganhei meu lápis: um machado; minha caneta: um terçado. Mas o importante era aprender a fazer ao menos o nome, e isso eu sei, sei assinar⁹.

Foi pela educação informal que Maria aprendeu a ler o mundo, como diz

⁸ SOUZA, Anervina Lima de. **As lendas Amazônicas em Sala de Aula: apropriação da cultura e a formação sócio-cultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2005. p. 12.

⁹ Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.



Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, [...]. A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele[...]”¹⁰. A analogia que fez entre a terra e o caderno, o lápis e o carvão, a caneta e o terçado são marcadores de sua personalidade criativa, do modo como lê a vida, de sua ligação com a natureza através da sua vida e trabalho. Observe que Maria frisa a importância de saber fazer o seu nome, isso lhe assegura sua dignidade e sua cidadania.

Aos 14 anos, Maria fez seu primeiro roçado, como ela disse: “*meu lápis foi o machado, a caneta, o terçado!*”. Nessa expressão sentimos seu desejo de estudar, mas devido a situação financeira de seus pais e o contexto sócio-histórico e educacional da época, o caminho que seguiu foi da agricultura. É costume nas comunidades tradicionais derrubar árvores para fazer o roçado para cultivar a mandioca e outros produtos agrícolas. Na época da adolescência de Maria, a derrubada das árvores para fazer o roçado era realizada com o uso do machado, e ela tinha o seu, por isso ela associou suas ferramentas agrícolas aos materiais escolares. Juntamente com sua mãe e outras pessoas, realizaram seu primeiro dos muitos *puxiruns* de sua vida. Paralelo ao trabalho na roça ela também trabalhou no cultivo da juta, como podemos acompanhar no relato a seguir:

Teve um tempo que eu trabalhei muito na juta¹¹. Era muito difícil e prejudicou muito minha saúde. Pois a gente ficava o dia todo na água, lavando e limpando a juta. Mas com 14 anos eu fazia meu roçado, eu derrubava de machado. Eu fazia meia hectare de roçado, no meio da minha juta eu metia milho, plantava cará e outras plantações. A gente plantava assim como a mamãe trabalhava de fazer a roça dela eu também plantava a minha. Eu cultivava e vendia, assim que aprendi com a minha mãe. Desse jeito que eu me criei e me acho tão feliz do jeito que a minha mãe ensinou na lida. Ela só não me botou pra estudar, não que ela ou eu não quisesse, era porque não tinha condições então cresci e estou até hoje vivendo com meu trabalho, com meu suor todo dia. Quando me casei, aos 14 anos, continuei ajudando o marido na lida da juta. Mas quando pararam de comprar a juta, a gente parou cultivar e

¹⁰ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1981. p. 13.

¹¹ A juta recebe o nome científico de *Corchorus capsularis L.* dela se origina a fibra têxtil utilizada na fabricação de sacarias e outros produtos. Além da juta também há a plantação de malva *Urena Lobata L.* que apresenta as mesmas peculiaridades e fins, a única diferença é que a malva pode ser plantada em terra firme. Cf.: WITKOSKI, Antonio Carloset et al. **A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo: Editora Annablume, 2010.

*passou a viver mais do trabalho na roça e pesca*¹².

Maria traz em sua memória relatos de um período marcante da história econômica do Amazonas após o período de crise da borracha. Trata-se do cultivo da juta e malva, que de acordo com os estudos de Sandra Noda, foi o descendente de japonês, Ryota Hoyama que trouxe para o Amazonas, mais especificamente para Parintins, as primeiras sementes de juta¹³. Essas sementes foram cultivadas tanto em área de várzea, como de terra firme, e desse modo, muitos moradores de comunidades rurais, como Maria e seus familiares, trabalharam no cultivo de juta, por ser naquele contexto um produto a ocupar lugar de destaque no cenário socioeconômico nacional.

Mas com a queda dos preços e o declínio da juta nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, os moradores rurais deixaram de cultivar e se dedicaram mais à agricultura e pesca, no entanto, até hoje, há municípios do Amazonas que ainda produzem juta, tornando o nosso estado o segundo maior produtor de juta e malva do mundo. Em Parintins, os trabalhadores rurais de terra firme Caburi, Mocambo e as de área de várzea Ilha do Chaves, Ilha do Vale-me Deus e Costa da Águia ainda trabalham com o cultivo da juta/malva¹⁴.

Maria foi sempre muito ativa, seguindo a tradição religiosa de seus pais, tornou-se uma mulher católica, aos domingos, desde criança participava do culto comunitário na Valéria, juntamente com seus pais e irmãos. Esse momento era voltado tanto para professar a fé, mas também para fazer as diversas interações sociais com amigos, parentes e demais familiares.

Maria contraiu matrimônio aos 14 anos de idade, apesar de ser adolescente, era tratada como mulher-moça, pois já havia menstruado. E no contexto rural da época, segundo Maria, a primeira menstruação demarcava que a menina, agora se tornara moça, ou seja, já era considerada uma mulher pronta para casar e constituir família. Neste primeiro casamento, Maria teve três filhos, os quais cresceram e vivem até hoje na Valéria, trabalhando com agricultura e pesca. Eles mantêm a dinâmica da travessia entre a Serra de Parintins e o

¹² Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.

¹³ NODA, Sandra do Nascimento. Agricultura familiar amazonense: mobilidade e relações de trabalho na produção de juta e malva. In: WITKOSKI, Antonio Carlostet et al. **A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo: Editora Annablume, 2010.

¹⁴ SILVA, Sandra Helena da. **Autopiese no agrossistema das ilhas do Valha-me-Deus e Chaves, Juruti/Pará**. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

Itaboraí, ou seja, a relação entre a Terra firme e Várzea. Vejamos o seguinte relato:

*Na várzea lá no Itaboraí planto também, mas agora a gente mais pesca, é muito farto. Na Valéria lá na Colônia, eu trabalho na roça, mesmo com 76 anos e sendo aposentada, ainda tenho vontade de trabalhar. **Sempre fui a dona Maria, mas dona de mim.** Eu planto banana, cana, melancia, jerimum, feijão, milho, verdura, tudo eu planto. No meu terreno tem cacau, abacate, laranjeira, cupuzeiro, castanheiras, tudo eu tenho no meu terreno. Desde o que é pra alimentar o corpo como pra alimentar o espírito, a alma. Me refiro aos remédios que planto pra tratar das mulheres quando estão gestantes, na hora e depois do parto, sou parteira. Eu trato dos doentes, dos velhos até as crianças, a nossa gente daqui da Valéria, é um dom que recebi de Deus Nosso Senhor desde jovem¹⁵.*

Na narrativa trazida por Maria percebemos que sua vida não foi tracejada apenas nas atividades ligadas à agricultura, ela também pesca, benze, cura e realiza partos. São as múltiplas faces de Maria, e o que nos chama a atenção é o fato de ela se afirmar como sendo dona de si, dona de suas ações, dona de sua vida. Isso é um marcador do seu protagonismo de vida, uma mulher que não fica às sombras do patriarcado. Casar-se não significou para ela se submeter aos caprichos do marido, ainda que fizesse os deveres de casa e cuidasse dos filhos, Maria exerceu o controle de sua vida, como sua mãe lhe ensinara, driblando a força patriarcal pujante no interior do Amazonas.

De acordo com Stearns,

culturalmente os sistemas patriarcais enfatizam a fragilidade das mulheres e sua inferioridade. Insistiam nos deveres domésticos e algumas vezes restringiam os direitos das mulheres a aparecerem em público. O alcance do patriarcalismo foi poderoso e extenso...¹⁶.

O patriarcado se expandiu por todas as civilizações presentes na esfera global. À medida que ocorria os contatos entre as diferentes culturas o patriarcado impunha ao homem o papel de dominante e à mulher o de dominada.

Joan Scott chama a atenção para o fato de que o patriarcado não discute as desigualdades de gênero, considera natural a assimetria prescrita nas relações sociais, nos papéis sociais e no lugar social de homens e mulheres. Assume uma perspectiva biologizante para explicar a condição da mulher na

¹⁵ Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.

¹⁶ STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 33.



sociedade, ou seja, “a análise baseia-se na diferença física, no corpo - fora de qualquer construção sociocultural [...]”¹⁷.

Analisando a trajetória de vida e trabalho de Maria pela sócio-história e cultural, notamos que as diversas atividades desenvolvidas por ela lhe permitiram tecer sua história marcada pelo enfrentamento aos domínios do homem, fez a dobra, furou as paredes do patriarcado tão forte na área rural. Como ela mesma narra: “aqui tem a Maria do José, a Rosa do Raimundo, mas eu, **eu sou a Maria Souza de Brito**, a dona Maria. Lembro que o meu primeiro marido quis me colocar cabresto no começo, mas eu arrebentei” (grifo nosso)¹⁸. A expressão corporal de Maria ao nos contar essa passagem de sua história de vida é bem vibrante, vivaz, fazendo transbordar a sua felicidade e empoderamento ao olhar para si e se perceber como uma mulher autônoma, construtora de sua realidade, uma Valéria contemporânea.

Fernando Alves sinaliza para o fato de que ao narrar sua história, a pessoa também faz um exercício de reflexão sobre sua vida, sobre os fatos que vivenciou naquele momento¹⁹. Quando Maria nos conta que arrebentou o cabresto que seu primeiro esposo o queria colocar, ela está se referindo sobre a dominação masculina²⁰ em que “arrebentar o cabresto”, é uma metáfora para se referir à maneira que ela enfrentou o poder do macho naquele contexto sócio-histórico vivido e experienciado por ela.

Saffioti lembra que ao estudarmos

a temática mulher [...], não se pode isolar esta problemática do contexto sociocultural, econômico e político no qual está inserida [...] A história real é feita por homens e mulheres anônimos, através da luta diária [...]”²¹.

E essa luta cotidiana é retratada por Maria nos diversos relatos de sua trajetória de vida e trabalho na região da Valéria.

Outro aspecto destacado na narrativa de Maria se refere às práticas de parteira, benzedeira e curandeira, atividades estas iniciadas aos 16 anos e que

¹⁷ SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Christina Rufino Dabate; Maria Betânia Ávila, 2.ed. Recife: S.O.S Corpo- Gênero e Cidadania, 1995. p. 10.

¹⁸ Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.

¹⁹ ALVES, Cecília Pescatore. **Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade**. Boa Vista: Textos e debates, 2017.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Coleção Memória e sociedade. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. (Orgs.) **Os Senhores dos rios**: Amazônia, histórias e margens. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2003.

²¹ SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. p. 111-112.

exerce até o momento. Aprendeu com sua mãe a partejar, mas diz ouvir vozes que a orientam no processo da benção e cura. Sofreu preconceitos no início de sua vida como curandeira, algumas pessoas chegaram a chamá-la de bruxa, feiticeira, mas não se deixou abalar, foi resiliente e muito resistente ao realizar diversificadas e complexas práticas sociais.

Com o tempo, conquistou respeito e ganhou aceitação dos comunitários. Tornou-se bastante procurada tanto por moradores da Valéria como das comunidades próximas, pois devido à ausência de postos de saúde, e consequentemente de médicos, além do fator da distância entre a cidade de Parintins, os moradores da região da Valéria e de outras comunidades próximas, encontraram em Maria uma possibilidade para a cura de algumas doenças físicas e espirituais, o cuidado com gestantes, acompanhando-as até a realização dos partos.

Para Oliveira,

Há uma diferença entre as benzedoras e curandeiras, a primeira benze recitando pequenas orações usando produtos algumas ervas, tiram o quebranto, o mau olhado; já a curandeira, é mais profunda, ela faz as orações, mas seus trabalhos são orientados por seus guias ou cabocas, ambas são mulheres na maioria das vezes casadas, mães de alguns filhos, dominam as rezas e ervas. Fazem banhos e chás [...] misturam o mundo místico e os conhecimentos curativos das plantas. No aspecto religioso, a maior parte das benzedoras e curandeiras são católicas, são religiosas e, embora nem sempre frequentem igrejas, guardam consigo as representações que a religião propicia, lançando mão dos símbolos e códigos que permeiam o ato de benzer e curar²².

Maria exerce as duas funções segundo este autor, é benzedora e curandeira, tem em seu terreiro suas plantações medicinais necessárias para a sua prática. Ela tem uma mesinha com seus santos e guias, contendo ainda um copo transparente com água, velas, fósforos, o cigarro ou *tauari*²³ e a bebida para sua caboca.

Ao receber um doente ou mesmo uma pessoa que queira seu trabalho, ela o conduz até um quarto separado onde está presente sua mesa. Em algumas benções, utiliza pequenos ramos de plantas como a arruda, vassourinha, o

²² OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benção**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. p. 23.

²³ Termo dicionarizado na Língua Geral Amazônica (Nheengatu), como cigarro de palha. Cf.: SANCHES. Romário Duarte. Variantes lexicais para cigarro de palha no português falado por indígenas na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 12, 2020.



alecrim ou qualquer outra planta, além da utilização de crucifixo, vela, copo com água ou apenas as mãos. Ao iniciar sua benção ou trabalho de cura, ela fixa os olhos para o copo com água e seus guias vão lhe falando e mostrando como agir no processo de tratamento.

Para Santos, o benzimento ou prática da cura é uma atividade antiga na sociedade brasileira, é comum, mas não exclusivamente, praticada por mulheres. Os homens também exercem essa prática. Costuma ser associada à religião católica, especificamente ao catolicismo popular, e transmitida de geração a geração e recebida como um dom divino. Seu caráter sagrado é evidenciado nos gestos, nos adereços e nas rezas das benzedeiras e curandeiras no momento de suas atividades voltadas para a cura dos males tanto do corpo como do espírito²⁴. Maria diz que ouve muitas vozes, mas é sua caboca Brasilina quem lhe orienta nos trabalhos de cura que exige maior esforço. Vejamos:

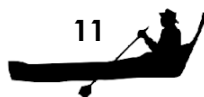
Minha caboca, é perigosa, quando ela chega tenho que atender todos os seus desejos, ela se chama Maria Brasilina, é uma morenona. Quando tem as coisas que vai acontecer comigo, ela chega na hora pra me avisar, proteger. Gosta de beber a espuma, a cachaça. Quando não tem, fica brava e meu marido tem que buscar e tem que ter o tauarí ou o pito branco, o cigarrinho pra ela fumar, mas isso é só em alguns momentos quando faço meus trabalhos de cura de judiaria, feitiçaria, de males mandado a pessoas que estão com algum espirito ruim. Não posso me negar a curar, por causa que é um dom, então tenho que seguir e fazer. Pra benzer os quebrantos, ou puxar barriga das gestantes ou desmentidora, não preciso de receber a Brasilina, minha guia, eu só uso as ervas e faço as orações invocando a cura e o bem²⁵.

Maria nos apresenta sua guia espiritual e o modo que deve agir para alimentar sua energia, sua força, sobretudo durante as atividades de cura que demandam mais tempo e equilíbrio. O não se negar, que ela enfatiza, significa ter que cumprir sua missão, seu dom, uma tarefa confiada por Deus e ela deve atender a todos os que lhe procurarem sem se importar com hora, local e distância onde o doente se encontra, pois é nelas, as curandeiras e benzedeiras, que está depositada a sua crença de que irá ser curado.

Pereira (2006, p. 121) considera que “a fé nas rezadeiras/benzedeiras e nas mais diversas plantas medicinais tradicionalmente utilizadas para tratar

²⁴ SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. **Os Caboclos da Águas Pretas**: saúde, ambiente e trabalho no século XX. São Paulo: Campinas, 2003.

²⁵ Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.



casos específicos de doenças, é prática costumeira dos moradores amazônicos²⁶. Como parte de seu agradecimento aos dons da benção e da cura, Maria realiza os festejos em homenagem a São Sebastião, seu santo protetor e de sua mesa.

Essa prática teve início em seu primeiro casamento. Sua sogra era festeira²⁷ de São Sebastião, em seu terreiro ocorria a reza de ladainha com a presença de muitos moradores locais, seguido de um tradicional almoço gratuito oferecido a todos. À noite, iluminado pela luz de fogueiras, porongas²⁸ e lamparinas ocorria o baile dançante tocado ao som de violão e saxofone. Era um momento de agradecimento às benções recebidas de São Sebastião. Quando sua sogra faleceu, Maria se tornou a dona dos festejos de São Sebastião, cujos festejos se mantiveram até a atualidade. De acordo com seu próprio relato,

Em 61 e 70 eu comecei a fazer a festa de São Sebastião ajudando minha sogra. A gente fazia com meu primeiro marido barracão de festa coberto com palha de injá e de chão batido. Era nos dias 19 e 20 de janeiro antes, agora só já faço no dia 20 devido a minha idade. Naquele tempo não tinha esse negócio de aparelho de som, era na violinha, no gongo. O gongo é o tambor de bater. Os músicos tinham as letras das músicas tudo em sua cabeça. Esses músicos eram daqui mesmo, no baile tocavam valsa, forró das antigas, era de tudo. Hoje a gente dá de graça o café da manhã muito sortido. Antes o almoço que também é de graça, a gente reza a ladainha. De primeiro era rezada em latim, por seu Pedro Ferreira, mas ele já morreu e ninguém aprendeu, então agora é rezada em português. Sou eu que comando a ladainha. Nessa festa de São Sebastião no meu terreno não vai padre, é festejo particular, independente. À tardinha a gente faz a derruba do mastro que é pra ver quem vai ajudar no ano seguinte, e a noite é a grande festa no meu terreiro. E assim a gente paga as promessas e agradece ao nosso glorioso São Sebastião²⁹.

Os festejos de São Sebastião misturam o catolicismo com a umbanda, há um sincretismo religioso na festa organizada por Maria, pois se trata de

²⁶ PEREIRA, Marcos Vilela. Subjetividade e Memória: algumas considerações sobre formação e autoformação. In: OLIVEIRA, V. M. F. de (Org.). **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 121.

²⁷ As festeiras ou festeiros são as pessoas que realizam as festas em homenagem aos Santos de sua devoção em propriedades privadas, a maioria realiza em suas próprias casas ou terreiros como muitos denominam.

²⁸ É um utensílio utilizado para iluminar, feito com latas de azeite ou leite, algum material de alumínio, no meio fazem um orifício e inserem um pavio feito de linha de algodão é onde acende o fogo. Algumas porongas tem suporte para encaixar na cabeça para quando forem fachear/pescar a noite terem uma proteção para não queimar o cabelo, e, outros tem encaixe para as mãos. É uma espécie de lamparina podendo ser utilizado tanto a base de diesel como querosene.

²⁹ Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.



oferendas destinadas tanto aos orixás ou guias, como ao pagamento de promessas ao santo de sua proteção. A esse aspecto Galvão, considera

que a concepção do universo do caboclo amazônico está impregnada de crenças e ideias herdadas do ancestral ameríndio e fundamentadas pelo catolicismo, concebida como a religião praticada pela maioria desses povos³⁰.

É o que vemos nas narrativas de Maria acerca de sua tradição em fazer homenagem ao santo São Sebastião.

Mesmo sendo a organizadora dos festejos, recebeu e recebe apoio de seu esposo (tanto do primeiro casamento, quanto do atual) e de suas companheiras de vida e trabalho, suas comadres e amigas, as quais colaboram na organização de todas as etapas dos festejos. Sobre a ausência de padres em sua festa, isso ocorre pelo fato de ser uma festa particular sem vínculo com a igreja católica da comunidade. Os padres só se dirigem às comunidades no período das festas dos Santos padroeiros das comunidades vinculadas às suas respectivas paróquias.

Em relação a sua atuação como parteira, Maria diz que é uma tradição de sua família. Sua bisavó, avó e mãe eram parteiras. Foi observando e acompanhando os trabalhos de partos realizados por sua avó e mãe que aprendeu a ser parteira. Del Priore assinala que as atividades médicas, conforme conhecemos hoje, começam a intensificar-se no Brasil a partir do final do século XIX. Mas a obstetrícia era antes realizada somente por mulheres, as parteiras, que praticamente desapareceram com o passar dos anos quando os homens assumiram as atividades da medicina legal³¹.

Nas comunidades tradicionais da Amazônia, principalmente em áreas rurais longínquas da cidade, como a Valéria, as parteiras ainda permanecem ativas devido não ter hospitais ou médicos para a realização dos partos, e Maria até o momento de nossa entrevista, relatou-nos continuar ativa na prática de parteira e diz já ter realizado mais de cem partos. Alguns foram difíceis, mas acredita que com a ajuda de seu dom de benzedeira e das mãos de Nossa Senhora do Bom Parto, nunca nenhuma criança nasceu morta, todos as mulheres tiveram um bom parto.

Maria tem ensinado algumas de suas afilhadas e amigas a serem

³⁰ GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas, 2. Ed. São Paulo: Editora Nacional, Brasília, 1976. p. 3.

³¹ DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2009.



parteiras, dada a importância desse ofício para salvar vidas e trazer novas pessoas a este mundo. Pois na ausência de hospitais e médicos para a realização dos partos, são elas que através de sua prática tradicional vem atuando como “médicas rurais”.

Outra atividade que Maria realiza é a pesca de peixe liso. Essa prática iniciou na adolescência, quando acompanhava seu pai nas pescarias. Ao casar-se continuou a pescar, agora com seu esposo. Ficou viúva com 59 anos, mas seguiu a trilha da vida e juntamente com seu filho mais velho voltou à atividade da pescaria. Aos 63 anos de idade, realizou seu segundo casamento. Embora seja uma mulher dona de sua vida, como ela se autorreconhece, acredita ser importante ter alguém para lhe acompanhar, ter um companheiro. Seu atual marido Antônio, é pescador e se tornou seu parceiro de vida e trabalho, com ele Maria divide seus afazeres e continua a praticar a atividade de pesca. A respeito dessa sua prática Maria narra o seguinte,

aprendi a pescar desde criança e quando eu tinha 13 anos eu botava espinhel na beira do Amazonas, acompanhava o papai. No tempo de cheia, botava espinha, pegava aqueles tambaquizão. E agora depois de eu tá com esse homem, meu segundo companheiro eu vou pescar com ele, nós temos colocado a malhadeira, além do espinhel. A gente passa a noite no rio, lá mesmo a gente dorme na rede atada na bajarinha que nós temos. Ele vigia de noite as malhadeiras, eu ajudo a tirar os peixes, só ficamos com os grandes, os pequenos a gente deixa pra crescer no rio. A barcada de peixe a gente leva pro seu José Barbosa pra ele vender na cidade, com o dinheiro a gente compra outros alimentos. A gente pesca surubim, apapá, piaba, jaraqui, é toda espécie, na arribação aí que vem cheio a bajara. É uma diversão³².

Pescar faz parte do cotidiano de Maria, é uma pesca de subsistência sustentável, voltada para sua alimentação e de sua família. Ela não é associada da Cooperativa Mista dos Pescadores de Parintins-COPESCA, por isso não recebe seguro defeso³³, mas respeita o período em que os peixes estão se reproduzindo, foi um ensinamento deixado por seus ancestrais. “Se não zelar, hoje faltará para o futuro, dizia meu pai”³⁴. Seguindo os preceitos de seu pai, faz da pesca uma atividade prazerosa e vital para a sua existência. É a aura do feminino ancestral que orienta as práticas dessa mulher pescadora, há em sua

³² Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.

³³ Um auxílio do governo federal para o período em que os peixes estão se reproduzindo.

³⁴ Entrevista de campo de Maria Souza, 2018.



experiência vivida rastros de zelo e respeito para com todas as formas de vida nesse contexto amazônico da Valéria.

Para Almeida, as mulheres de comunidades tradicionais são responsáveis pelo desenvolvimento de técnicas singulares de preservação ambiental, cultural, religiosa e ambiental. Seu modo de trabalhar junto com a natureza e não de forma isolada, contribui para a construção de uma relação cíclica e recíproca entre a natureza e a mulher e todos os membros da comunidade. É a aura do princípio feminino que emana um sopro de racionalidade levando-as a desenvolverem ações que garantam a continuidade dos saberes tradicionais e a preservação ou conservação da natureza e da vida no planeta³⁵.

Atualmente, Maria continua a efetivar todas essas atividades descritas anteriormente, tornou-se parceira³⁶ do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o qual lhe conferiu o título definitivo de sua terra na Colônia São Paulo em 2013. Desse modo, passou a ter conhecimento de alguns créditos disponíveis às mulheres agricultoras, como é o caso do Pronaf Mulher, que é um crédito de investimento criado em 2003, para atender as necessidades da mulher produtora rural. No relato a seguir ela nos conta um pouco mais a esse respeito disso,

aqui pra gente do interior, vem pouca ajuda do governo, as vezes não chega nada de ajuda pro agricultor, pescador, pra parteira e benzedeira, nem se fala, mas houve um momento em que fui beneficiada, não só eu mais outras mulheres daqui também, como minha comadre Valdecira, a Rosa, e outras. A gente foi contemplada com o crédito mulher agricultora, um fomento pra alimentação, pra atividade da agricultura. Fiz o crédito no banco da Amazônia, assinei e assumir compromisso, já paguei tudo. Com ele tive um pouco mais de ajuda no trabalho. Comprei coisas lá pra melhorar o barracão da farinha na colônia e investi em outras coisas pra ajudar no transporte como a compra da rabeta pra bajara. É assim que a gente vai dando o jeito na vida. Agora não chega benefício pra tratar da nossa saúde, se não for com a utilização das plantas que curam, dos remédios que a natureza dá, já estava bem ruim nossa saúde, mas é tanta coisa que falta³⁷.

Sobre as políticas públicas direcionadas às mulheres e homens do meio rural, Scherer *et al*, revelam que esses trabalhadores são

³⁵ ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

³⁶ Pessoa que é beneficiária de parcelas rurais do programa de reforma agrária. Nesse caso, Maria tornou-se parceira do INCRA, pelo fato de que a Valéria faz parte do projeto de Assentamento Rural da Gleba de Vila Amazônia.

³⁷ Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.



invisíveis perante o estabelecimento de políticas públicas; nos planos governamentais são ignorados pela diversidade de ecossistemas e grupos humanos, além de pouco serem referenciados nos planos estaduais e federais³⁸.

Maria denuncia o descaso que esses sujeitos sociais sofrem com a falta de políticas públicas que não chegam até eles, embora existam no papel. Na prática, os trabalhadores rurais têm que se submeter a trabalhos em péssimas condições de saúde e infraestrutura para o escoamento de seus produtos.

É louvável o crédito mulher que ela e outras companheiras de trabalho foram contempladas, mas faltam-lhes benefícios em outros aspectos sobretudo na saúde e educação. Maria nos informa que tem problemas de saúde, mas por não dispor de médico na área rural, continua a se tratar com as ervas medicinais, embora a ajude, reconhece que algumas doenças precisam de um atendimento médico específico.

Djalma Batista já fazia essas denúncias acerca da precariedade na educação e na saúde na área rural do Amazonas, ainda que tenha havido algumas melhorias ou investimentos³⁹, há muitos problemas sociais que atingem significativamente a vida de mulheres e homens da região amazônica, carecendo de um olhar mais efetivo por parte do poder público no sentido de oportunizar uma melhoria na qualidade de vida local.

Considerações finais

Nos relatos de vida e trabalho de Maria, identificamos vários vestígios de sua ação protagônica, em meio a um contexto patriarcal. Ela tem consciência cidadã, tem esperança em dias melhores e nos diz de maneira incisiva: “*sou pau pra toda obra, não deixo minha vida parar, eu sigo em frente!*”⁴⁰. Essa expressão mostra a potência dessa mulher guerreira, trabalhadora, ativa em suas atividades e firmes em seus objetivos de vida. Nos remete ao que nos orienta Ingold, “a vida está sempre em aberto: seu impulso não é alcançar um fim, mas continuar seguindo em frente”⁴¹, e desse modo Maria segue sua vida fazendo dobras, curas, travessias, trazendo vidas novas a esse planeta mulher, a

³⁸ SCHERER, Elenise Faria; COELHO, Roberta Ferreira; PEREIRA, Hamida Assunção. Políticas Sociais para os Povos das Águas. **Cadernos do CEAS**, n. 207, 2003. p. 97.

³⁹ BATISTA, Djalma. **Amazônia - cultura e sociedade**. Manaus: Valer, 2003.

⁴⁰ Entrevista de campo de Maria Souza, 2019.

⁴¹ INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. p. 38.



Terra.

Data de submissão: 21/06/2022

Data de aceite: 11/07/2022

Referências

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ALVES, Cecília Pescatore. **Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade**. Boa Vista: Textos e debates, 2017.

BATISTA, Djalma. **Amazônia - cultura e sociedade**. Manaus: Valer, 2003.

BENJAMIN, Walter. Infância Berliense: 1900. *In: Imagens e Pensamentos*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Coleção Memória e sociedade. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. (Orgs.) **Os Senhores dos rios: Amazônia, histórias e margens**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2003.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As vozes do silêncio. *In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1981.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas**, 2. Ed. São Paulo: Editora Nacional, Brasília, 1976.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

NODA, Sandra do Nascimento. Agricultura familiar amazonense: mobilidade e relações de trabalho na produção de juta e malva. *In: WITKOSKI, Antonio Carlost et al. A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?* São Paulo: Editora Annablume, 2010.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Ed. Brasiliense,



1985.

PEREIRA, Marcos Vilela. Subjetividade e Memória: algumas considerações sobre formação e autoformação. *In*: OLIVEIRA, V. M. F. de (Org.). **Imagens de professor**: significações do trabalho docente. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANCHES. Romário Duarte. Variantes lexicais para cigarro de palha no português falado por indígenas na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 12, 2020.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. **Os Caboclos da Águas Pretas**: saúde, ambiente e trabalho no século XX. São Paulo: Campinas, 2003.

SCHERER, Elenise Faria; COELHO, Roberta Ferreira; PEREIRA, Hamida Assunção. Políticas Sociais para os Povos das Águas. **Cadernos do CEAS**, n. 207, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Christina Rufino Dabate; Maria Betânia Ávila, 2.ed. Recife: S.O.S Corpo-Gênero e Cidadania, 1995.

SILVA, Sandra Helena da. **Autopieise no agrossistema das ilhas do Valha-me-Deus e Chaves, Juruti/Pará**. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

SOUZA, Anervina Lima de. **As lendas Amazônicas em Sala de Aula**: apropriação da cultura e a formação sócio-cultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2005.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

Fontes Orais

Maria Ferreira de Souza. Entrevista concedida em sua residência, na Comunidade São Paulo da Valéria, 18 de outubro de 2019.

